

A escolha de temas para os encontros acadêmicos hoje rotineiros na vida universitária, bem como para números monográficos de periódicos especializados, comporta, naturalmente, algo de arbitrário, sobretudo no nosso tempo, quando os objetos de pesquisa se multiplicam vertiginosamente, a ponto de tornar-se difícil encontrar centros de interesse comuns até entre especialistas do mesmo campo. Em geral, contudo, sempre se procura compensar a arbitrariedade das escolhas com um mínimo de motivação. Na área das humanidades, por definição afeiçoada à história, talvez a principal fonte para escolhas motivadas venha justamente do nosso antigo fascínio por datas redondas, o velho espírito de “efemérides”, se preferirmos expressão mais formal e solene.

Não foi outro o nosso critério para escolher o tema deste número de *Matraga*. O centenário da morte de Augusto dos Anjos, que transcorre neste ano de 2014, afinal credencia o poeta para um retorno à cena da crítica. De resto, à parte o inevitável arbítrio da proposta temática, parece mesmo oportuno, do ponto de vista dos estudos literários no Brasil, revisar Augusto dos Anjos e sua fortuna crítica. É que, depois dos anos de 1970, salvo pesquisa mais atenta que retifique a conclusão, parece ter havido um sensível refluxo no interesse pela obra do autor. Lembremos que data de 1973 o prestimoso *Augusto dos Anjos: textos críticos*, volume organizado por Afrânio Coutinho e Sônia Brayner, no qual se reúne o principal dos estudos até então produzidos sobre o poeta, de 1914 a 1969. Assim, conhecido o amplo espectro de questões cobertas pelos ensaios até aquela altura dedicados a Augusto dos Anjos – condicionamentos biográficos de sua obra; reflexos do contexto social nela observáveis; estabelecimento e explicação filológica de seus textos; influências literárias e filosóficas a que esteve sujeito; vínculo de sua poesia a escolas literárias; traços artesanais ou estilísticos de suas composições; especulações sobre as razões de sua popularidade –, certamente reveste-se de interesse verificar que outros ângulos de leitura sua obra vem suscitando nos dias que correm.

Assim, os textos que compõem este número se acham distribuídos em três blocos. O primeiro é constituído por um ensaio de 1976, até agora meio esquecido – aliás pelo próprio autor – nos anais de

um congresso da época, não obstante sua notória relevância. O segundo é integrado por três ensaios focados exclusivamente em Augusto dos Anjos, ao passo que o terceiro se constitui de estudos voltados para análises de tangências entre a obra do poeta e a de outros escritores, por sua vez constando também de três artigos. Por fim, um quarto bloco – simetricamente constituído por outros três estudos – expande o âmbito da reflexão para o momento em que viveu o poeta, conforme a proposta temática do número, ocupando-se assim com autores e questões situados no período que compreende o fim do século XIX e o início do XX.

Fica então feito o convite à leitura deste número 35 de *Matraga*, no pressuposto de que, nele, o apelo à efeméride terá sido mero pretexto para o que de fato importa: uma oportunidade para exercícios reflexivos centrados numa questão.

Júlio França  
Roberto Acízelo de Souza  
editores